

A REPRESENTAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO DO TRAUMA EM *SOLITO, A MEMOIR*, DE JAVIER ZAMORA

Shirley de Souza Gomes Carreira¹

Thayssa da Silva de Vasconcelos²

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar a representação e a ressignificação do trauma em *Solito*, a *memoir*, de Javier Zamora. O livro consiste em um relato autobiográfico em que o autor narra seu deslocamento de El Salvador aos Estados Unidos, aos nove anos de idade, para reunir-se com os pais, que para lá emigraram quatro anos antes. Guiado por coyotes e sem a companhia de familiares, ele atravessa a fronteira na terceira tentativa, após enfrentar fome, sede, frio e detenção pela patrulha de fronteira estadunidense. O livro foi escrito, segundo o autor, como uma forma de superar o trauma. Em nossa análise, situamos a obra no conjunto de narrativas denominadas escritas de si (Foucault, 2004; Lejeune, 2008; Hees, 2013) e, em seguida, o analisamos com foco nas experiências vividas pelo narrador, abordando especificamente a questão da superação do trauma com base nas perspectivas teóricas de Cathy Caruth (1995), Márcio Seligmann-Silva (2008) e Jhonathan Cohen (1985).

Palavras-chave: *Solito*. *Memoir*. Trauma. Javier Zamora.

THE REPRESENTATION AND RESIGNIFICATION OF TRAUMA IN *SOLITO, A MEMOIR*, BY JAVIER ZAMORA

Abstract: This article aims to analyze the representation and resignification of trauma in Javier Zamora's *Solito, a Memoir* is an autobiographical account in which the author recounts his journey from El Salvador to the United States at the age of nine to reunite with his parents, who had emigrated there four years earlier. Guided by *coyotes* and unaccompanied, he crosses the border on his third attempt, after facing hunger, thirst, cold, and detention by the U.S. Border Patrol. According to the author, the book was written as a way to overcome trauma. In our analysis, we place the work within the set of narratives known as self-writing (Foucault, 2004; Lejeune, 2008; Hees, 2013), and then analyze it focusing on the experiences lived by the narrator, specifically addressing the issue of overcoming trauma based on the theoretical perspectives of Cathy Caruth (1995), Márcio Seligmann-Silva (2008), and Jhonathan Cohen (1985).

Keywords: *Solito*. *Memoir*. Trauma. Javier Zamora.

¹ Doutora em Literatura Comparada; Professora Adjunta da UERJ e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da UERJ, Procientista UERJ/FAPERJ. Bolsista de Produtividade em Pesquisa PQ-C do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico- CNPq, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8787-823>. E-mail: shirleysgcarr@gmail.com.

² Bolsista de Iniciação Científica da FAPERJ Projeto 26/200.631/2025. Graduada em Letras - Português/Inglês do curso de Licenciatura em Letras da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Orcid: 0009-0005-2329-275X. E-mail: thayssa.vasconcelos@gmail.com.

Introdução

Devido às guerras e às crises políticas e econômicas, o deslocamento, forçado ou voluntário, tornou-se um fenômeno comum no mundo hodierno. O Relatório Internacional de Imigração de 2024³, divulgado pela OIM, Agência da ONU para as Migrações, atesta o patamar de 281 milhões de migrantes internacionais, dos quais, segundo o ACNUR⁴, cerca de 123,2 milhões de pessoas estavam deslocadas à força até o final de 2024, um número que quase dobrou em dez anos.

Nesse cenário de intensa mobilidade transnacional, as narrativas autobiográficas contemporâneas que focalizam a migração e o refúgio têm trazido a público as experiências de pessoas que deixaram a terra natal para viver em outros países, muitas vezes, em condições traumáticas.

Toda narrativa autobiográfica faz parte de um conjunto de textos denominados escrita de si. Conforme Ragusa e Oliva sinalizam, no texto intitulado “A escrita de si”, Foucault (1983), “mostra como o ato de escrever sobre si mesmo, seja para si ou para o outro, constituiu um dentre os muitos exercícios (*askesis*) e técnicas vivenciadas na antiguidade greco-romana no processo de cuidar de si mesmo e de fabricar a si mesmo” (RAGUSA; OLIVA, 2020, p.118). Ou seja, desde a Antiguidade greco-romana, escrever sobre si está associado ao autocuidado e autoconhecimento. No curso intitulado “A hermenêutica do sujeito”, Foucault menciona os *hypomnemata*, espécie de cadernos onde, na antiguidade, se fazia o registo de memórias, conhecimentos acumulados e experiências vividas. Entretanto, esse formato, ao longo do tempo, sofreu modificações e, além dos diários e confissões, os *memoirs*, as autobiografias, os romances autobiográficos, as autoficções e até mesmo os *blogs* com postagens de cunho pessoal podem ser elencados como escritas de si (HEES, 2013).

Em *O pacto autobiográfico*, Phillipe Lejeune (1975) retomou os estudos sobre a autobiografia, que esteve esquecida no período em que o imanentismo do texto prevaleceu e o autor foi declarado morto. Para Lejeune (1975), a autobiografia é uma narrativa retrospectiva em prosa, na qual uma pessoa narra acontecimentos que viveu. Nesse sentido, é um gênero textual em que o autor não apenas narra a sua história de vida, mas expõe a sua subjetividade. Entretanto, nem toda escrita autobiográfica se restringe ao gênero textual autobiografia. Por

³ Cf. <https://brazil.iom.int/sites/g/files/tmzbd11496/files/documents/2024-05/world-migration-report-2024.pdf>.

⁴ Cf. <https://www.acnur.org/br/dados-refugiados-no-brasil-e-no-mundo>.

exemplo, o *memoir*, consiste em uma escrita autobiográfica em que apenas um período específico da vida do autor é explorado.

Os fluxos migratórios contemporâneos têm se tornado tanto o foco de relatos memoriais quanto matéria de ficção. Toyin Falola (*apud* FONGANG, 2018, p.10) afirma “aqueles cujos pés jovens um dia pisaram em uma terra desconhecida agora criaram raízes rizomáticas no solo de um novo mundo e tornaram-se os cronistas literários da experiência da migração.”⁵. Embora tenham passado por um processo de negociação entre culturas, os imigrantes retêm vínculos com o seu lugar de origem, memórias e práticas culturais que ainda cultivam em terra estrangeira. Ao narrarem suas próprias histórias, os sujeitos migrantes abordam temas como o sentido de pertencimento e suas relações com a tradição e a herança cultural.

Muitos deslocamentos, entretanto, se dão em circunstâncias traumáticas. Seligmann-Silva (2008, p.69) define o trauma como “uma memória de um passado que não passa”. Alguns dos que o vivenciaram recorrem inconscientemente ao esquecimento para solapar a dor; outros necessitam narrá-lo, como um modo de enfrentamento, para “renascer das cinzas” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 66). Dessa maneira, ao escrever sobre si e suas experiências, os migrantes que vivenciaram o trauma têm a oportunidade de confrontar as lembranças dolorosas. A narrativa assume, assim, um papel terapêutico (COHEN, 1985), inclusive, rompendo barreiras que foram construídas como uma forma de proteção, geralmente por meio do silêncio e do desejo de esquecimento.

A escrita de si, embora confessional, tem, simultaneamente, um caráter testemunhal. Dori Laub (*apud* CARUTH, 1995, p.70) afirma que o testemunho é “o processo pelo qual o narrador (o sobrevivente) retoma sua posição como testemunha: reconstitui o 'tu' interno e, assim, a possibilidade de uma testemunha ou de um ouvinte dentro de si mesmo.”⁶. Nesse sentido, a partir do ato de testemunhar, o sobrevivente do trauma organiza e ressignifica suas memórias dos eventos, distanciando-se do papel de vítima para informar sobre o ocorrido.

Este artigo tem o propósito de analisar brevemente *Solito, a memoir*, do salvadorenho Javier Zamora (2022), com foco na representação e ressignificação do trauma advindo das experiências do narrador durante a travessia da fronteira entre México e Estados Unidos quando tinha apenas nove anos de idade.

⁵ “Those whose young feet were once planted in an unfamiliar earth have now grown rhizomatic roots in the soil of a new world and are now the literary chroniclers of the migration experience.”

⁶ “The testimony is, therefore, the process by which the narrator (the survivor) reclaims his position as a witness: reconstitutes the internal “thou,” and thus the possibility of a witness or a listener inside himself.”

Dada a ausência de fortuna crítica da obra em língua portuguesa, buscaremos, em primeiro lugar, apresentar as experiências geradoras do trauma, para, em seguida, abordar o efeito terapêutico da narrativa, com base nas perspectivas teóricas de Cathy Caruth (1995), Márcio Seligmann- Silva (2008) e Jhonathan Cohen (1985), entre outros, bem como demonstrar que o ato de narrar do ponto de vista da testemunha favorece o enfrentamento do trauma.

1. *Solito, a memoir*: uma análise da representação do trauma

Solito, a memoir relata a trajetória do autor durante nove semanas, através da Guatemala, México e, por fim, pelo Deserto de Sonora, enfrentando diversos obstáculos para reencontrar seus pais, que já viviam nos Estados Unidos.

A experiência da travessia da fronteira deixou marcas indeléveis, que, durante quase vinte anos, levaram o autor a rejeitar as lembranças de sua infância. A reconciliação com o passado se deu por meio da escrita. Muito embora não aborde especificamente as questões sociais e políticas que levam muitas pessoas a emigrar, deixando para trás seus entes queridos, o relato na ótica de uma criança mostra claramente os efeitos traumáticos da separação de seus entes queridos e dos riscos da migração ilegal.

O livro é composto por 9 capítulos, cada um deles com uma localização e uma data precedendo o relato. Na epígrafe da obra, Zamora cita Katie Cannon: “nossos corpos são os textos que carregam as memórias e, portanto, lembrar é nada menos que uma reencarnação.”⁷(CANNON *apud* ZAMORA, 2022, p. 06), revelando o que a escrita do *memoir* significou para o autor.

O *incipit* da narrativa é a palavra “Trip”, viagem, que remete não apenas ao trânsito espacial empreendido pelo narrador, mas também ao encontro entre culturas, evidenciado por meio da mescla de idiomas — inglês e espanhol —, que exemplifica a experiência de adaptação cultural do autor.

Vivendo com seus avós, o narrador, cujo apelido é Chepito, sonha constantemente com o dia em que há de rever seus pais, conforme lhe havia sido prometido. Em seus sonhos, ele é recebido em uma casa ampla, com belos jardins, piscina, pomar e um minicampo de futebol. Percebe-se que a imagem que ele constrói do lugar em que seus pais habitam corresponde ao ideal do sonho americano⁸, presente nos filmes e programas de TV aos quais tem acesso.

⁷ “Our bodies are the texts that carry the memories and therefore remembering is no less than reincarnation.”

⁸ Segundo Jim Cullen (2003), o termo “sonho americano” foi cunhado por James Truslow Adams para designar a crença de que, nos Estados Unidos, todo cidadão tem a oportunidade de alcançar sucesso e prosperidade através do trabalho árduo, determinação e iniciativa, independentemente de sua classe social de origem.

Como tinha apenas dois anos de idade quando o pai partiu, o narrador não tem lembranças dele; a única coisa concreta que o liga a ele é a sua voz, que ouve quando se comunicam por telefone, e sua imagem nas fotos que enviam. A figura paterna se configura como uma ausência. Talvez por isso, prefira sempre falar com a mãe primeiro durante as chamadas telefônicas.

Mali, a tia materna do narrador, costuma narrar como a irmã foi encontrar-se com o marido quatro anos antes, bem como o fato de que levou apenas duas semanas para chegar:

Ela atravessou San Ysidro, pulou um murinho, subiu uma colininha e encontrou um carrinho que a levou por uma longa estrada, a maior estrada que ela já viu, passando por Los Angeles, passando por São Francisco, até San Rafael, onde seu pai estava esperando por ela (ZAMORA, 2022a, p. 14)⁹

Narrada dessa forma, sem detalhes, a viagem parece simples e rápida, aumentando ainda mais o desejo do menino de reencontrar os pais.

Logo de início, o romance mostra a ação dos *coyotes*, responsáveis pela entrada ilegal de migrantes nos Estados Unidos, por meio da personagem Don Dago:

Ninguém sabe quando Don Dago virá à cidade, mas quando chega, faça chuva ou faça sol, a notícia se espalha rapidamente e todos sabem onde encontrá-lo: na cantina da Dona Argentina, bebendo uma Suprema gelada, fumando Marlboro com um cinzeiro de vidro ao lado. As pessoas fazem fila para perguntar se ele entrega em Wa-ching-tón, em Jius-tón, em São Francisco, pelo mesmo preço. Se ele entrega crianças, se entrega mulheres ou homens mais velhos do que ele, se ele pode mudar a vida de todos nós. Don Dago mudou a da mamãe. Mali diz que foi embora porque não há empregos. Papai foi embora por "política". "Os Estados Unidos são mais seguros, mais ricos e há tantos empregos", Mali e Abuelita me disseram"¹⁰ (ZAMORA, 2022a, p. 16).

A imprevisibilidade da chegada de Don Dago cria uma agitação na cidade, o que o torna o centro das atenções, com pessoas ansiosas para obter informações sobre os locais para onde ele leva os migrantes ilegais, a idade dessas pessoas e se realmente esse risco seria compensado

⁹ "She crossed through San Ysidro, jumped a murito, walked up a hill-ita, and ran into a car-ito that drove her up a long road, the biggest road she's ever seen, past Los Angeles, past San Francisco, to San Rafael, where your dad was waiting for her."

¹⁰ "No one knows when Don Dago will come to town, but when he does, rain or shine, word spreads quickly and everyone knows where to find him: at Doña Argentina's cantina, drinking an ice-cold Suprema, smoking Marlboros with a glass ashtray next to him. People line up to ask if he delivers to Wa-ching-tón, to Jius-tón, to San Francisco, for the same price. If he delivers children, if he delivers women or men older than he is, if he can change all of our lives. Don Dago changed Mom's. Mali says she left because there are no jobs. Dad left because of "politics." "La USA is safer, richer, and there are so many jobs," Mali and Abuelita have told me."

por uma melhoria de vida. Na passagem citada, o leitor toma ciência de que a razão da partida do pai do protagonista fora de ordem política e que a mãe partira por questões econômicas.

Após duas tentativas frustradas de conseguir um visto de entrada para o filho nos Estados Unidos, os pais do narrador concluíram que precisariam do auxílio de um *coyote*. Na primeira vez em que contataram Don Dago, ele lhes dissera que Javier era pequeno demais para a travessia, que deveriam esperar até que tivesse completado dez anos. Até que, em março de 1999, Chepito ouve uma conversa do avô ao telefone e descobre que o *coyote* iria guiá-lo até os Estados Unidos.

Embora não se detenha em questões políticas, visto que a focalização é do ponto de vista de uma criança, o texto deixa claro que a violência em El Salvador foi o fator preponderante para a decisão dos pais de Chepito. Quando a guerra civil (1979-1992) começou, houve uma fuga em massa do país, seguida de uma violência crescente e de uma pobreza persistente. À época em que a partida do narrador foi decidida, várias pessoas tinham sido assassinadas nas proximidades da moradia dos seus avós.

1.1. A saga das travessias

A narrativa da viagem se inicia no capítulo 2, quando o narrador se junta a outras seis pessoas que também farão a travessia: duas mulheres, uma menina e três homens. O destino é Tecán Umán, na Guatemala. Seu avô o acompanha nessa primeira etapa da viagem, entretanto, ao chegar à cidade da Guatemala, Don Chepe se apresenta aos demais, informa que não seguirá com eles e pede que cuidem de Javier.

O relato de Zamora descreve as estratégias dos *coyotes* para cruzar a fronteira: foram distribuídas carteiras de identidade mexicanas falsas, cujos dados seus portadores teriam de memorizar, além da recomendação de que aprendessem algumas estrofes do hino nacional mexicano e dados sobre os times de futebol e o presidente do México.

A princípio, o grupo ficaria na cidade por dois dias, mas a estada se prolonga por quase uma semana, e Don Dago se comporta de modo evasivo ante a preocupação dos migrantes, que só poderão permanecer na Guatemala por 15 dias. Nesse meio tempo, Chepito descobre que, ao contrário dos demais, que só pagarão o restante do valor combinado com o *coyote* após a travessia, seus pais tinham feito o pagamento adiantado. Mesmo sendo uma criança, ele percebe que se encontra em uma situação pouco favorável.

Em uma entrevista a *The World*, Zamora (2022) afirmou que sua maior dificuldade na escrita do *memoir* foi justamente o relato dos momentos não traumáticos, os muitos dias de espera pela travessia¹¹, uma rotina que não se solidificou em sua lembrança.

A saga de Chepito se inicia verdadeiramente em Ocos, ainda na Guatemala, quando Don Dago informa, subitamente, que o trajeto será alterado. O avô do narrador, que, àquela altura, já havia retornado a La Herradura, o fizera memorizar os nomes de todos os locais por onde passariam, e, diante dessa mudança de planos, Chepito se sente confuso e absolutamente só:

Na nossa primeira noite aqui, Don Dago nos conta o "novo plano": vamos atravessar para o México a bordo de barcos. Vamos pular Tapachula, Chiapas. A linha azul do vovô no mapa está sendo revisada e estendida para o Oceano Pacífico em direção a Oaxaca, mas o vovô não sabe. Ninguém da minha família sabe. Eles acham que vamos pegar o ônibus para atravessar o rio em uma jangada. Todos os adultos aqui pensavam o mesmo (ZAMORA, 2022a, p.78).¹²

Em sua última noite na cidade, Don Dago comunica que não vai acompanhá-los, que partirá antes, para garantir que tudo dará certo.

No dia do embarque, todos estão vestidos de preto e carregam mochilas da mesma cor. A travessia é perigosa e eles se juntam a outros migrantes em um barco apinhado. Nauseados, os passageiros vomitam várias vezes e a velocidade da embarcação impede que fiquem de pé, sob o risco de caírem no mar. Além disso, de três em três horas, eles têm de mudar de lugar.

O relato da travessia é contundente e mostra o desespero dos migrantes ante a violência das ondas, seu impacto nos corpos das pessoas a bordo, a fome e a premência de suas necessidades fisiológicas. A mudança de temperatura os torna ainda mais debilitados e, apesar de ter sido orientado a ficar junto de Marcelo, um amigo de seu avô, Chepito obtém acolhimento com Patricia, que viajava com a filha, Carla.

Ao chegar a Oaxaca, o grupo percebe que Don Dago os enganara, visto que é outra pessoa que os guiará até a Cidade do México. Tratados com brutalidade, eles têm apenas 3 minutos para ir ao banheiro, tomar banho e mudar de roupa. Quando o *coyote* lhes diz que Javier não passará mais por filho de Don Dago e sim de Patricia, todos se preocupam com a falta de semelhança física:

¹¹ Cf. <https://theworld.org/stories/2022/11/02/new-memoir-speaks-trauma-migration-path-healing>.

¹² “Our first night here, Don Dago tells us the “new plan”: we’re crossing into México aboard boats. We’re skipping Tapachula, Chiapas. Grandpa’s blue line on the map is being revised and stretched into the Pacific Ocean toward Oaxaca, but Grandpa doesn’t know. None of my family knows. They think we’re taking the bus to cross the river on a raft. All the adults here thought that también.”

Eu não tinha pensado muito em pele em La Herradura. Na maior parte do tempo, eu parecia com todo mundo. Exceto os irmãos do meu pai, o barbeiro e alguns colegas de classe que são mais escuros, e as pessoas zombam deles. Mas há outros que são bem mais claros do que eu. Como minha paixão da escola, Margarita. Como Patricia. Quase como gringos. Sempre achei que pareço com casca de coco. Como madeira molhada. Achei que os mexicanos seriam parecidos com os de novela. Com os da TV. Mas agora, os mexicanos se parecem mais com Marcelo, com Jesús, com Don Carlos. Chele, Patricia, Carla e Chino se destacam. Não quero que eles sejam pegos” (ZAMORA, 2022a, p. 117)¹³.

Contudo, o modo como Patricia se dirige a Chepito, dizendo-lhe “Eres mi hijo”, é reconfortante e faz com que o receio do menino se abrande.

Quando chegam a Sonora, o *coyote* avisa que estão perto da fronteira e que, a partir dali, será outra pessoa a guiá-los. À medida que os dias passam, Chepito se angustia, pois, além de não conseguir se comunicar com os pais, percebe que o trajeto está muito diferente do que havia sido combinado:

Isto não é Tijuana como Don Dago prometeu. Pensei que meus pais estariam logo atrás da cerca me esperando de carro depois que eu a pulasse. Mas não há cerca nem estrada asfaltada com um estacionamento do McDonald's do outro lado. Não há nada. Nem árvores grandes! Só cactos e arbustos (ZAMORA, 2022a, p. 192-193).¹⁴

Os constantes desvios de rotas, as mudanças de líderes e a ausência de pessoas da família atormentam o narrador. Mario e Paco, os *polleros* que guiarão o grupo, explicam aos migrantes que terão de andar cerca de 15 km através do deserto, e Patricia se desespera por achar que as crianças não conseguirão. Sem noção do perigo, Chepito se mostra esperançoso:

Eles me levarão até meus pais. Rápido e seguro. Eu como para ser forte. Para correr rápido. Para caminhar longe. Mas não tanto. Posso ver meus pais daqui a três dias! Não falo com eles há semanas. Não falo com meus avós há semanas. Espero que eles não estejam preocupados. Nosso terceiro e último país é logo ali. Os EUA. Os EUA. Gringolândia. O país dos filmes, da pipoca,

¹³ “I hadn’t really thought about skin in La Herradura. For the most part, I looked like everyone else. Except for my dad’s brothers, the barber, and some classmates who are darker, and people make fun of them. But there are others who are way lighter than me. Like my school crush, Margarita. Like Patricia. Almost like gringos. I’ve always thought I look like coconut husks. Like wet driftwood. I thought Mexicans were going to look like the ones in novelas. The ones on TV. But right now, Mexicans look more like Marcelo, like Jesús, like Don Carlos. Chele, Patricia, Carla, and Chino stick out. I don’t want them to get caught.”

¹⁴ “This isn’t Tijuana like Don Dago promised. I thought my parents were going to be right over the fence waiting for me in their car after I jumped it. But there’s no fence and no asphalt road with a McDonald’s parking lot on the other side. There’s nothing. ¡Not even big trees! Just cactuses and bushes”.

da pizza para a merenda escolar, das guerras de bola de neve, das piscinas, da Toys "R" Us e do McDonald's. La Línea é logo ali (ZAMORA, 2022a, p.197)¹⁵.

Essa passagem da obra evidencia o poder dos meios de comunicação e o modo como concorrem para a cristalização do mito do sonho americano.

1.2 A fronteira

[...] me sinto sozinho, solitário, solo, solito, solito de verdad. (ZAMORA, 2022a, p. 77)¹⁶

A preparação para a travessia inclui a elaboração de uma história para o caso de serem pegos na fronteira: terão de afirmar que são mexicanos, de Nogales, e mostrar documentos falsos de acordo com os quais Chino e Patrícia são casados e Chepito e Carla são seus filhos. Sob as ordens de um outro *pollero*, Mero Mero, eles recebem as instruções finais:

Siga o grupo à sua frente. Observe os sapatos deles. Siga os passos deles. Estamos quase na lua cheia — você deve conseguir ver a pessoa à sua frente. Não. Se. Perca. Quem ficar, fica. Nós. Não. Esperaremos. por você. Se se atrasar, fique na fila. Se se perder, a culpa é sua [...] Este cara — ele aponta para uma das sombras — estará bem no final, garantindo que ninguém fique para trás. Observe o chapéu dele. Memorize-o. Ele está usando um chapéu que parece um gorro com uma bola de algodão em cima. Você não deve ver este chapéu. Se vir, ande mais rápido. Se virmos La Migra ou ouvirmos carros, paramos e nos escondemos. Escolhemos o arbusto mais próximo e nos deitamos no chão. La Migra tem binóculos que enxergam à noite. Helicópteros. Quando eu assobiar, e somente quando assobiar, assim — ele faz um assobio agudo apertando o lábio inferior e pressionando-o contra o lábio superior — só então, levante-se (ZAMORA, 2022a, p. 212)¹⁷.

¹⁵ “They will get me to my parents. Fast and safe. I eat to be strong. To run fast. To walk far. But not that far. ¡I could see my parents as soon as three days from now! I haven’t talked to them in weeks. I haven’t talked to my grandparents in weeks. I hope they’re not worried. Our third and final country is right there. La USA. The EE.UU. Gringolandia. The country of the movies, popcorn, pizza for school lunches, snowball fights, swimming pools, Toys “R” Us, and McDonald’s. La Línea is right there.”

¹⁶ “I feel alone, lonely, solo, solito, solito de verdad.”

¹⁷ Follow the group in front of you. Look at their shoes. Follow their steps. We almost have a full moon—you should be able to see the person in front. Don’t. Get. Lost. Whoever stays, stays. We. Will. Not. Wait for you. If you fall behind, stay in the line. If you get lost, it’s *your* fault [...] This guy—he points at one of the shadows—will be at the very end, making sure no one stays. Look at his hat. Memorize it. He’s wearing a hat that looks like a beanie with a cotton ball on top. You shouldn’t see this hat. If you do, walk faster. If we see La Migra or hear cars, we stop and hide. Pick the nearest bush and get flat on the ground. La Migra has binoculars that can see at night. Helicopters. When I whistle, and only when I whistle, like this— he makes a high-pitched whistle by squishing his bottom lip together and pressing it up against the top lip—only then, get up.”

Durante horas, o grupo de migrantes caminha em meio a cactos espinhosos, passa por baixo de cercas de arame farpado, luta contra o frio, o cansaço e a fome, bem como joga-se ao chão quando helicópteros sobrevoam a área. Quando se aproximam do local onde, segundo o *pollero*, uma van os resgatará, são pegos pela polícia da fronteira. Algemados, são levados pelos policiais, e, na confusão, Chepito perde sua mochila, com roupas e pertences. Após um interrogatório, Patricia e Carla são levadas para um local diferente. O policial informa que a separação entre gêneros é o procedimento. Para o narrador, o encarceramento é uma experiência dolorosa:

ESTOU EM UM ZOOLOGICO. Uma jaula. Sou um macaco com pelo menos outros vinte e um macacos. Todos fazem cara feia. Ninguém sorri. Quando alguém entra, somos mais de vinte e um. Alguns vão embora. Sou a única criança[...] as paredes têm pouco mais de um metro de distância uma da outra, três metros de comprimento. Estamos trancados. Se queremos água gelada, bebemos da pia de metal em cima do assento do vaso sanitário de metal que fede a mijo. Patricia e Carla estão em outro quarto. Elas gritaram nossos nomes falsos e Chino gritou de volta. Ela reconheceu a voz dele de primeira. "Se você sair primeiro, conte para a gente, nós contamos também", disse ela, e não nos falamos desde então (ZAMORA, 2022a, p. 245).¹⁸

O relato de Zamora é compatível com as muitas reportagens feitas sobre os centros de detenção de imigrantes ilegais nos Estados Unidos, como evidencia a reportagem da BBC News, de 19 de junho de 2018.¹⁹

Figura 1- Centro de detenção de imigrantes



¹⁸ "I'M IN A ZOO. A cage. I'm a monkey with at least twenty-one other monkeys. Everyone wears a long face. No one smiles. When someone else comes in, we're more than twenty-one. Some leave. I'm the only kid. This is our room. It's like the back of a trailer, if the back door was made of black metal bars. Three walls. One tiny window at the back of the room lets some sunlight inside. The walls a bit more than a meter stick apart, three meter sticks long. We're locked in. If we want freezing water, we drink from the metal sink on top of the metal toilet seat that reeks of piss. Patricia and Carla are in another room. They screamed our fake names and Chino screamed back. She recognized his voice the very first time. "If you're out first, tell us, we'll tell you también", she said, and we haven't spoke since."

¹⁹ Cf. <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-44526519>.

Com o corpo dolorido e com fome, Javier tenta resistir à vontade de urinar, por sentir vergonha de fazê-lo diante de outras pessoas. Vários detidos são retirados da cela e não retornam. Os que voltam afirmam que serão deportados. Finalmente, Patricia, Carla e Javier são levados a um caminhão que os transporta de volta ao México. Chino, que não conseguira escapar por tentar ajudar o menino, é mantido na prisão. Os três esperam por ele do outro lado da fronteira, e, quando ele é solto, seguem para um abrigo onde ficam até entrarem em contato com o *pollero*, que prometera uma segunda tentativa, caso a primeira falhasse.

Vários contratemplos ocorrem nessa nova travessia: buscando esconder-se da polícia da fronteira, vários deles, dentre eles Patrícia, se ferem com os espinhos dos cactos. O trajeto é feito sob sol forte e, logo, as reservas de água terminam. O grupo reage, alegando que os *polleros* não estão cumprindo o acordo, que estão perdidos. Coco Liso, o líder, que torceu o tornozelo, é acusado de estar enganando o grupo. Finalmente, ele admite que não consegue encontrar a fonte de água onde encheriam suas garrafas e decide ficar para trás para não atrasar a travessia. Segundo ele, os demais os levarão ao um rancho, onde há uma casa vermelha e duas árvores frondosas, onde as vans os esperam.

Não muito convencidos, mas sem escolha, eles seguem viagem. Chino carrega as duas crianças alternadamente, para poupá-las, visto que caminham A certa altura, Chepito percebe que, das cinquenta pessoas que começaram a travessia com eles, restam apenas duas. Verificam também que os outros guias desapareceram e que estão, de fato, perdidos. Já em solo americano, vagam sem rumo, buscando o local em que, pretensamente, está a van que os transportará a um lugar seguro. Movidos pelo desespero da sede, se aproximam de uma casa onde há uma mangueira de água. São descobertos pelo dono da casa, que atira para o alto, mandando que parem, e chama *La Migra*, a polícia da fronteira. Entretanto, para sua surpresa, o policial encarregado de apreendê-los, Mr. Gonzales, de origem latina, os leva a fronteira e os libera, não sem antes recomendar que descansem suficientemente antes da próxima tentativa, por causa das crianças.

Três dias depois, eles tentam pela terceira vez chegar aos Estados Unidos. Sem dinheiro, eles convencem os *coyotes* a levá-los, passando os números de telefone dos parentes para que eles possam pagar a travessia em Tucson. Desta vez, segundo os guias, não atravessarão montanhas, mas seguirão outra rota, que acompanha uma linha de trem e depois o leito seco de um rio. A travessia—rastejando em alguns pontos e correndo em outros—é feita com o cuidado de evitar as luzes das estações da polícia da fronteira, as *Migra Stations*. Quando chegam à

estrada, ficam deitados e escondidos à espera do sinal de embarque nas vans. Levados para um abrigo, não apenas os que participaram da jornada, mas também migrantes guiados por outros *polleros*, acotovelam-se em um único espaço. No dia seguinte, um homem, encarregado de fazer ligações para os parentes dos migrantes, entra em contato com os pais de Javier, dizendo-lhes o preço da travessia.

Após dois meses sob a proteção de Patrícia e Chino e com a companhia de Carla, o narrador descobre que seus protetores irão para a Virgínia, do outro lado do país, um local muito distante de San Rafael, onde seus pais vivem, na Califórnia, e, como mostra a passagem a seguir, não se sente preparado para distanciar-se deles:

“É longe, mas manteremos contato”, interrompe Patrícia. Não percebi que íamos para lados opostos do país [...] Olho para os meus sapatos. Não quero me separar da minha segunda família. “Dê seu número e ligaremos”, diz Patrícia, tirando caneta e papel da mochila. (ZAMORA, 2022, p.367)²⁰.

Depois da partida de seus amigos, Chepito ainda permanece algumas horas à espera de seus pais. A cada batida na porta do quarto, ele espera ouvir o seu nome:

Meu coração bate tão rápido, mais rápido do que no deserto. Minhas mãos suam. Continuo pensando no meu pai, Papá Javi, papai. Como vou chamá-lo? Não sei bem como ele é. Ele vai me abraçar? Sei que vou correr para os braços da Mamá Pati. Lembro-me dela. Sinto falta dela. Sinto falta dos dois. Estou animado para ver se ela mudou. Se ela ainda tem o mesmo cheiro. Como ela usa o cabelo? A maquiagem? Que perfume? (ZAMORA, 2022a, p.372)²¹.

Durante sete semanas, os familiares de Javier Zamora não tiveram notícias dele. Nenhum dos *coyotes* entrou em contato para informar o seu paradeiro. Passando noites em claro e impossibilitados de procurá-lo por estarem na condição de imigrantes ilegais, eles temiam que estivesse morto em algum lugar do trajeto. A alegria do reencontro foi também marcada pelo estado deplorável em que o narrador se encontrava: sujo, malcheiroso e debilitado.

Maurice Halbwachs (1990) afirma que há uma história viva, preservada pela memória individual, ao lado de uma história escrita, formada por documentos e dados oficiais. A narrativa

²⁰ “It’s far, but we’ll keep in touch,” Patricia interrupts. I didn’t realize we were going to opposite sides of the country [...] I look down at my shoes. I don’t want to be separated from my second family. “Give us your number, and we’ll call,” Patricia says, getting a pen and paper out of her backpack”.

²¹ “My heart beats so fast, faster than in the desert. My hands sweat. I keep thinking about my father, Papá Javi, Dad. ¿What will I call him? I don’t really know what he looks like. ¿Is he gonna hug me? I know I will run into Mamá Pati’s arms. I remember her. I miss her. I miss them both. I’m excited to see if she’s changed. If she still smells the same. ¿How is she gonna wear her hair? ¿Her makeup? ¿What perfume?”.

em *Solito* enquadra-se nessa concepção do historiador, visto que engloba aspectos emocionais e sensoriais da experiência vivida pelo autor.

2. O efeito terapêutico da narrativa do trauma

Ao final do livro, Zamora assume a voz narrativa para dizer ao leitor que passou por uma fase de esquecimento voluntário, razão pela qual só conversou duas vezes com os pais sobre o que vivenciou naqueles dias.

Em resposta à provável curiosidade do leitor sobre o que aconteceu à sua família postiça, ele informa que, após alguns telefonemas, perdeu o contato com Chino e Patricia, porém, jamais esqueceu de que sua sobrevivência resultou da humanidade, do cuidado e da empatia de ambos. A narrativa termina com a afirmação da sua esperança de que, em algum momento, eles tenham acesso ao *memoir*, e ele possa, enfim, saber o que lhes aconteceu depois disso.

A tentativa de apagamento das experiências traumáticas vividas pelo autor traduziu-se pelo silêncio. A conversa com os pais sobre a travessia só foi retomada anos mais tarde, quando começou a escrever o livro de poemas *Unaccompanied*, publicado em 2017.

Caruth (1995) observa que para evitar a dor, muitos indivíduos optam não apenas por se afastar de lugares e objetos que remetem à sua experiência traumática, mas também é comum que adotem o silêncio como mecanismo de defesa. No entanto, Laub afirma que:

Ninguém encontra paz no silêncio, mesmo quando é sua escolha permanecer em silêncio. Além disso, os sobreviventes que não contam sua história tornam-se vítimas de uma memória distorcida, ou seja, de um 'mal externo' imposto à força, que provoca uma luta interminável com e por uma ilusão. O 'não contar' a história funciona como uma forma de perpetuar sua tirania. Os eventos tornam-se cada vez mais distorcidos em sua retenção silenciosa e invadem e contaminam pervasivamente a vida cotidiana do sobrevivente. Quanto mais tempo a história permanece não contada, mais distorcida ela se torna na concepção do próprio sobrevivente, a ponto de ele duvidar da realidade dos acontecimentos vividos (LAUB *apud* CARUTH, 1995, p.64)²²

²² “None find peace in silence, even when it is their choice to remain silent. Moreover, survivors who do not tell their story become victims of a distorted memory, that is, of a forcibly imposed “external evil,” which causes an endless struggle with and over a delusion. The “not telling” of the story serves as a perpetuation of its tyranny. The events become more and more distorted in their silent retention and pervasively invade and contaminate the survivor’s daily life. The longer the story re-mains untold, the more distorted it becomes in the survivor’s conception of it, so much so that the survivor doubts the reality of the actual events.”

Em suas entrevistas, Zamora admite que foram necessárias muitas sessões de terapia para enfrentar a memória daquela travessia. A passagem abaixo, em que ele discorre sobre isso, é parte de um ensaio publicado no site Today.com:

Eu não tinha ideia de como começar, mas sabia a data em que começar. Olhei a previsão do tempo nessas datas. A temperatura. Tracei minhas viagens de ônibus no Google Earth. Flashbacks me invadiram como nunca antes. Eu estava na academia todas as manhãs [...]. Não conseguia dormir. Meu corpo estava constantemente dolorido. Eu bebia demais. Procurei drogas e sexo — os mesmos mecanismos de enfrentamento, mas desta vez, eles aumentaram em frequência e intensidade. Menciono essa trajetória para ilustrar há quanto tempo lutei contra algo que, às vezes, nem mesmo profissionais de saúde mental conseguiam me ajudar. Eu não estava pronto e não queria enfrentar a angústia e o medo cotidianos que experimentei aos 9 anos em países estrangeiros, aos cuidados de pessoas completamente estranhas. Eu realmente acreditava que ninguém jamais poderia entender, que eu estava sozinho em meu sofrimento e que essa angústia interna e silenciosa que eu mantinha escondida em público era o melhor que eu poderia conseguir (ZAMORA, 2022b)²³.

Seligmann-Silva (2008, p.70) afirma que “a imaginação é chamada como arma que deve vir em auxílio do simbólico para enfrentar o buraco negro do real do trauma. O trauma encontra na imaginação um meio para sua narração. A literatura é chamada diante do trauma para prestar-lhe serviço”. Ao narrar o trauma, o sujeito não apenas adquire uma nova percepção acerca de sua experiência dolorosa, mas também transforma a sua história em um testemunho. Caruth (1995), por sua vez, observa que um testemunho é um encontro entre o texto e a vida. Em *Solito*, Zamora narra seu *memoir* na ótica da testemunha *superstes* (BIENVENISTE, 1995, p. 277), ou seja, de quem sobreviveu ao evento traumático. Nesse sentido, a escrita teve um efeito terapêutico, na medida em que promoveu essa reconciliação com o passado.

Por sugestão de sua terapeuta, Zamora decidiu assumir a voz da criança que foi um dia para escrever o romance. A inocência e fluidez da voz de Chepito, o modo como expressa espontaneamente suas emoções são convincentes. Obviamente, além da impossibilidade natural da memória humana de captar a totalidade dos sentimentos e sensações experimentados no

²³ “I had no clue how to start, but I knew the date when to begin. I looked at the weather on those dates. The temperature. Traced my bus rides on Google Earth. Flashbacks poured in like they never had before. I was at the gym every single morning [...] I couldn’t sleep. My body was constantly in pain. I drank too much. Sought out drugs and sex — the same coping mechanisms, but this time, they increased in frequency and intensity. I mention this trajectory to illustrate how long I’ve struggled with something that, at times, not even mental health professionals could help me with. I wasn’t ready and didn’t want to face the everyday anguish and fear I experienced as a 9-year-old in foreign countries at the care of complete strangers. I truly believed no one could ever understand, that I was alone in my suffering, and that this internal and quiet anguish I kept hidden in public was as good as it was ever going to get”.

passado, a barreira que o próprio autor criou para escapar de lembranças dolorosas foi, por si só, um fator impeditivo para a recuperação fidedigna dessa voz, que só se faz ouvir por intermédio da ficção.

Considerações finais

No site da Organização Internacional para a Migração (IOM), há uma advertência para os riscos da imigração ilegal, “como a exposição dos migrantes a fatores como rotas perigosas, violência de criminosos e potenciais traficantes” (IOM, 2025). Muito embora, Zamora tenha escapado do tráfico humano e da morte no deserto, indubitavelmente, a fome, o frio, a sede e o medo o acompanharam ao longo do trajeto. O autor ressalta, em suas entrevistas, a necessidade de chamar a atenção do público para a condição de milhares de crianças que passam pela mesma experiência. No cenário atual dos Estados Unidos, em que os limites da política migratória do governo de Donald Trump têm sido amplamente debatidos, *Solito, a memoir* cumpre um importante papel, que se traduz na dedicatória do autor a todos aqueles que fizeram a travessia, aos muitos que tentaram e não conseguiram e àqueles que, talvez, estejam cruzando o deserto neste momento.

Segundo Madeline Halpert (2023), repórter da BBC News em Nova Iorque, “Entre 2017 e 2021, o governo do ex-presidente Donald Trump separou pelo menos 3,9 mil crianças — algumas com apenas alguns meses de vida — dos pais ao longo da fronteira dos EUA com o México, sob o que chamou de política de “tolerância zero”. Para desencorajar a migração ilegal, os adultos eram deportados, enquanto seus filhos eram mantidos sob a custódia do Estado. A maioria dessas crianças eram da Guatemala, Honduras e El Salvador e passaram dias amontoadas em uma jaula de metal, sem higiene e sem alimentação adequada.

Durante o governo de Joe Biden, além da rescisão da política de imigração de Trump, foi criada uma Força Tarefa de Reunificação Familiar que possibilitou o reencontro de muitas famílias. Entretanto, o segundo mandato de Trump tem sido uma reedição do primeiro, acrescida da rescisão do visto humanitário e da ameaça de abolir o direito à cidadania por nascimento para filhos de imigrantes ilegais ou com status temporário nos EUA.

Ao escrever seu *memoir*, Zamora tenta sensibilizar a opinião pública para os efeitos traumáticos da repressão à imigração, especialmente em crianças que, na maioria das vezes, sequer têm noção do risco que correm.

Referências

- BBC NEWS BRASIL. Como são as 'jaulas' em que os EUA estão detendo filhos de imigrantes sem documentos. 19 jun. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-44526519>. Acesso em: 9 out. 2025.
- BIENVENISTE, Emile. *O Vocabulário das Instituições Indo-europeias*. V. 2: Poder, Direito, religião, trad. D. Bottmann, Campinas: UNICAMP, 1995.
- BRAGA, Cláudio R.V. *A literatura movente de Chimamanda Adichie: póscolonialidade, descolonização cultural e diáspora*. Brasília: Editora UnB, 2019.
- CARUTH, Cathy. *Trauma: Explorations in Memory*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1995.
- COHEN, Jonathan. Trauma and repression. *Psychoanalytic Inquiry*, 5(1), 163–189, 1985. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/07351698509533580>. Acesso em: 9 out. 2025.
- CULLEN, Jim. *American Dream: a short history of an idea that shaped a nation*. New York: Oxford University Press, 2003.
- FALOLA, Toyin. *Foreword*. In: FONGANG, Delphine. *The Postcolonial Subject in Transit: Migration, Borders, and Subjectivity in Contemporary African Diaspora Literature*. Lanham: Lexington Books, 2018, p. 10-12
- FONGANG, Delphine. *The Postcolonial Subject in Transit: Migration, Borders, and Subjectivity in Contemporary African Diaspora Literature*. Lanham: Lexington Books, 2018.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In.: MOTTA, Manoel. B. (Org.). *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. (Coleção Ditos e Escritos V).
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.
- HALPERT, Madeline. Dor e alegria: o reencontro de pai e filhas separados na imigração dos EUA há 4 anos. *BBC News*, 10 maio 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c51ppx5ejj7o> Acesso em: 17 maio 2025.
- HEES, Peter. *Writing the Self: Diaries, Memoirs, and the History of the Self*. New York, London, New Delhi, Sydney: Bloomsbury, 2013.
- LAUB, Dori. Truth and Testimony: The Process and the Struggle. In: CARUTH, Cathy. *Trauma: Explorations in Memory*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1995, p.61-75.
- LEJEUNE, Philippe. *O Pacto Autobiográfico*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- RAGUSA, Pedro; OLIVA, Alfredo dos Santos. Subjetividade, Individuação e Escrita de Si: Aproximações Teóricas entre Michel Foucault e Carl Gustav Jung. *Revista de Teoria da História*. Londrina, v., n., p.112-126, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rth.vi2.64279>. Acesso em: 13 maio 2025.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65 – 82, 2008. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pc/a/5SBM8yKJG5TxK56Zv7FgDXS/?format=pdf>. Acesso em: 17 maio 2025.

ZAMORA, Javier. *Solito*, a memoir. London, New York: Hogart, 2022a.

ZAMORA, Javier. My journey to the US at age 9 nearly killed me. As an adult, I had to face the trauma. *Today.com*. 28 sept. 2022b. Disponível em: <https://www.today.com/news/essay/solito-author-javier-zamora-trauma-rcna46846>. Acesso em: 17 maio 2025.

ZAMORA, Javier. *Solito, A Memoir*. Nova York: Hogarth, 2022.

Recebido em: 13/09/2025.

Aceito em: 14/10/2025.